

## AULA 2 (27/03) – PLATÃO E A METAFÍSICA CLÁSSICA DO BELO

*Material de uso exclusivo para o curso de Estética (2024/1) – UFSC  
Prof. Luan Corrêa da Silva*

### 1 Contexto artístico de Platão (428/427 a.C.-348/347 a.C.)

- O cânone (*kanon*, métrica, regra) de Policleto (séc. V a.C.): modelo, protótipo, arquétipo => a escultura aplica o princípio da simetria ou proporção das partes no corpo humano => Vitruvius (séc. I a.C.) e por Galeno (séc. III e II d.C.):

Vitruvius (81 a.c.- 15 a.c): “simetria, em toda obra, dos elementos de uma determinada parte e do todo”, de “harmoniosa concordância dos elementos da obra e correspondência das partes separadas de uma determinada parte à imagem da figura inteira” (De architectura).

Galeno: “a beleza não consiste nos elementos, mas na harmoniosa proporção das partes; de um dedo ao outro; de todos os dedos ao resto da mão... De cada parte à outra, como está escrito no Cânon de Policleto. Tendo-nos ensinado nesta obra todas as proporções do corpo, Policleto corroborou seu tratado com uma estátua, feita de acordo com os princípios de seu tratado, e ele chamou a estátua, assim como o tratado, de Cânone” (Galeno apud ECO, Arte e beleza na estética medieval, cap. 4).

Imgs. 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7 e 8

- Razão (lógos, ratio): justa proporção entre as partes ou “harmonia” => Platão.

### 2 Cronologia dos diálogos platônicos:

Juventude: Apologia, Crito, Láques, Lísias, Cármides, Êutifron, Híppias Maior e Menor, Potágoras, Górgias, Íon

Maturidade: Mênon, Fédon, República, Banquete, Fedro, Eutidemo, Menexeno, Crátilo

Velhice: Parmênides, Teeteto, Sofista, Político, Timeu, Crítias, Filébo, Leis

- Cronologia desenvolvimentista<sup>1</sup> dos Diálogos platônicos<sup>2</sup>: “diálogos de juventude” (aporéticos, socráticos), “diálogos de maturidade” (metafísicos, platônicos) e “diálogos de velhice” (críticos da teoria das Ideias) => as conhecidas teses do pensamento platônico (teoria da reminiscência, imortalidade da alma, e teoria das Ideias ou formas [*Eidos*, *Idéa*]), bem como o método dialético, somente nos são apresentados nos diálogos do segundo período, ainda que alguns pressupostos do método dialético já possam ser encontrados nos diálogos chamados de aporéticos => A teoria das Ideias e o método dialético aparecem de modo paradigmático n’ *A República*, ainda que formulações semelhantes também sejam encontradas no *Fédon*, no *Banquete* e no *Fedro*, por exemplo. Nos diálogos do chamado terceiro período, as teses platônicas sobre as Ideias e a dialética são revisadas e alteradas, a partir do *Parmênides*, mas sobretudo no *Sofista*, no qual a versão standard da teoria das Ideias é discutida e reformulada, a favor de uma concepção que passa a enfatizar a relação linguística das Formas com a realidade.

1 Cf. Renato Matoso, As Origens do Paradigma Desenvolvimentista de Interpretação dos Diálogos de Platão.

2 Proposta por F. M. Cornford, “The Athenian Philosophical Schools”, In: *Cambridge Ancient History*, 1927 e reproduzida por W. K. C. Guthrie, “Testes Estilométricos e Linguísticos”, In: *History of the Greek Philosophy*, 1975.

### 3 Avaliação moral da imitação: Homero e Hesíodo

- República (kallipolis): a cidade bela => fundada na concepção de que o que é belo é bom (καλός και ἀγαθός / kalos kai agathos / “Kalokagathia”) => 2 pressupostos gerais: 1) a poesia está distante da beleza (*kallos*) e, portanto, do bem (*agathon*), da verdade (*alêtheia*) e da justiça (*dikayosine*), algo controverso já no universo ateniense; 2) o gênero imitativo deve ser excluído da educação dos cidadãos e, por isso, todos os artistas devem ser expulsos de uma *Kallipolis*, isto é, de uma cidade bela.

- Definição de justiça (justiça em si mesma): isonomia como hipótese imaginária (Rep., II, 368de) => harmonia entre as partes da alma: apetite (*epithymia*), do ímpeto (*thymos*) e da razão (*logos*), “numa proporção musical” (Rep., IV, 443de) => Justiça: justa proporção ou simplesmente harmonia (*harmonía*) entre as partes da alma, na qual cada parte se encontra na medida em que pode contribuir para essa harmonia, tal como em uma cidade => justiça coincide com a beleza e a cidade justa chama-se “bela” (Kallipolis) => Educação dos guardiões (Rep., IV, 443d): depois de ter “posto em ordem a sua própria casa” (harmonia interior), cada um faz o que lhe é próprio em vistas do todo em prol da Kallipolis (harmonia exterior) => sabedoria e lógos (proporção e discernimento moral).

- Modelo de educação tradicional: ginástica (*gymnastiké*) e música (*mousiké*) => equilíbrio entre corpo e alma => como as crianças aprendem as fábulas antes de irem aos ginásios, o foco primeiro é a música (arte das musas), particularmente a poesia, literatura pedagógica do mundo grego desde a infância, período em que se é mais maleável e suscetível à impressão de um “modelo” (*paradeigma*).

- Crítica moral/psicológica de Homero e Hesíodo (pelo maior é mais fácil de observar o menor, isonomia, Rep. II, 377d-383c):

Na *Teogonia* de Hesíodo, Cronos (Tempo) mata o próprio pai Urano (Céu), para tomar o poder do Olimpo. Posteriormente, seu filho Zeus domina o pai, Cronos, que havia engolido os outros filhos, e o faz cuspi-los, expulsando o pai do Olimpo e assumindo o poder => Sobre a *Ilíada* de Homero, diz Platão: “que Hera foi algemada pelo filho, e Hefestos projetado a distância pelo pai, quando queria acudir à mãe, a quem aquele estava a bater, e que houve combates de deuses, quantos Homero forjou, é coisa que não se deve aceitar na cidade” (Rep., II, 378d).

- Os poetas “reproduzem fábulas falsas” e “histórias desagradáveis”, que “mentem sem nobreza”, falam sobre deuses que conspiram contra outros deuses => “o suprassumo da injustiça é parecer justo sem o ser” (Rep., II, 361<sup>a</sup>) => os poetas assemelham-se aos sofistas, pois não amam o saber, a verdade e o bem por si, mas imitam-no como meio para obter vantagens => o problema da imitação, nos livros II e III d’A República, reside no seu aspecto patológico, pois dispõe a alma a uma desordem que a torna suscetível à metamorfose, à ilusão e ao engano (*doxa*, *phántasma*, *phantasia*), como uma feitiçaria.

- A disputa entre Zêuxis de Hercaleia e Parrásio de Éfeso (séc. V): “Conta-se que Parrásio entrou em competição com Zêuxis; tendo este representado uvas com tal fidelidade que as aves tinham voado para junto delas no teatro, seu contendor apresentou uma cortina pintada com tal realismo que o próprio Zêuxis, cheio de si pela atitude das aves, pediu que a tirassem para que se exibisse sua pintura. Depois, tendo compreendido seu erro, concedeu a palma ao rival com sincera modéstia, porque ele tinha enganado as aves, Parrásio, porém, tinha enganado a um artista”. (Plínio, o Velho, *História Natural* (I d.C.), XXXV, 36, 10). => *skiagraphía* (pintura ilusória): Platão, o “erro visual ocasionado pelas cores” (Rep., X, 602c) gera uma impressão enganadora para o olho, uma “perturbação” (*tarakhê*) da alma. Pelo fato de “estar ligada a esse desagradável estado da natureza que a pintura ilusória não se encontra longe de ser uma feitiçaria (*goêteía*)” (Rep., X, 602d). Ao

condicionar-se pela perspectiva, a pintura limita o observador a uma certa posição de observação: se se estiver perto demais, a impressão desaparece e a ilusão dissipa-se na confusão, tal como os falsos prazeres (Rep., IX, 586bc).

#### 4 Avaliação ontológico-metafísica da imitação:

- Amante de espetáculos (filotheámones), amante de opiniões (filodoxos) e amante da sabedoria (filosofos) => voltam-se para as essências, aquilo que permanece a despeito da mudança, do múltiplo e variável (Rep., V, 484a).

- 3 símiles (eikon, eidolon): 1) símile do sol (Rep, VI, 506d6-509b10), 2) Linha dividida (Rep. VI, 509d6-511e4), 3) símile da Caverna (Rep., VII, 514a1-518b5).

Img 9

- A teoria da imitação (Rep., X, 595a–608b):

- S: o que é em geral a mimese?

- Há muitas camas e mesas => mas as ideias que correspondem a esses artefatos são duas: uma para a cama e outra para a mesa.

Img 10 e 11

#### - Artista como imitador

- 597b: Queres então que, à luz destes exemplos, procuremos esse imitador, a ver quem é? => 3 formas de cama: uma que é a forma natural, confeccionada por Deus (artífice natural), outra que executou o marceneiro (artífice) e outra feita pelo pintor (imitador). => S: Chamas, por conseguinte, ao autor daquilo que está três pontos afastado da realidade, um imitador => assim também o tragediógrafo e todos os outros imitadores.

#### - Perspectiva de observação, simulacro e engano

598a: S: Se olhares para uma cama de lado, se a olhares de frente ou de qualquer outro ângulo, é diferente de si mesma, ou não difere nada, mas parece distinta? E do mesmo modo com os demais objetos? => com que fim faz a pintura? É imitação da aparência ou da realidade? => G: da aparência => Por conseguinte, a arte de imitar atinge apenas uma pequena porção de cada coisa, que não passa de uma **aparência (phantasma)** => dizemos que o pintor nos pintará um sapateiro, um carpinteiro e os demais artífices, sem nada conhecer dos respectivos ofícios. Mas **nem por isso deixará de ludibriar as crianças e os homens ignorantes**, se for um bom pintor, desenhando um carpinteiro e mostrando-o de longe com a semelhança, que lhe imprimiu, de um autêntico carpinteiro => S: Mas afigura-se-me, meu amigo, que de todos estes assuntos, se disse apenas o seguinte: quando alguém nos anunciar, a respeito de outrem, que encontrou um homem conhecedor de todos os ofícios e de tudo quanto cada um sabe no seu domínio, e com não menos exatidão do que qualquer especialista, deve responder-se a uma pessoa dessas que é um ingênuo, e que, ao que parece, deu com um charlatão e um imitador, por quem foi iludido, de maneira que lhe pareceu um sábio universal, devido a ele não ser capaz de extremar a ciência da ignorância e da imitação.

#### - Homero imitador

599b: [...] Mas acerca daqueles assuntos mais elevados e mais belos, sobre os quais Homero se abalançou a falar, guerras, comando dos exércitos, administração das cidades e educação do homem, é de certo modo justo dirigirmo-nos a ele para o interrogar: “Meu caro Homero, se, relativamente à virtude, não estás afastado três pontos da verdade, nem és um fazedor de imagens...” => 600e Assentemos, portanto, que, a principiar em Homero, todos os poetas são

imitadores da imagem (eidôlon) da virtude e dos restantes assuntos sobre os quais compõem, mas não atingem a verdade; mas, como ainda há pouco dissemos, o pintor fará o que parece ser um sapateiro, aos olhos dos que percebem tão pouco de fazer sapatos como ele mesmo, mas julgam pela cor e pela forma? => o criador de fantasmas, o imitador nada entende da realidade, mas só da aparência. => **602b A imitação é uma brincadeira sem seriedade**

#### - **Perspectiva**

- 602c A mesma grandeza, vis a nossos olhos de perto e de longe, não parece igual. [...] E os mesmos objetos parecem tortos ou direitos, para quem os observa na água ou fora dela, côncavos ou convexos, devido a uma ilusão de óptica proveniente das cores, e é evidente que aqui há toda a espécie de confusão na nossa alma. Aplicando-se a esta enfermidade da nossa natureza é que a pintura com sombreados não deixa por tentar espécie alguma de **magia**, e bem assim a **prestidigitação** e todas as outras habilidades desse gênero. => Mas não se inventaram a medição, o cálculo, a pesagem, como auxiliares preciosos contra esses inconvenientes, de tal modo que não prevalece em nós a aparência de maior ou menor, mais numeroso ou mais pesado, mas o que se calculou, mediu ou pesou? [...] Ora, essas operações podem ser o trabalho da razão que está na nossa alma => o elemento que faz fé na medida e no cálculo deverá ser a melhor parte da alma.

#### - **Censura aos poetas**

604e o que contém material para muita e variada imitação é a parte irascível da alma [...] o poeta imitador instaura na alma de cada indivíduo um mau governo, lisonjeando a parte irracional, que não distingue entre o que é maior e o que é menor, mas julga, acerca das mesmas coisas, ora que são grandes, ora que são pequenas, que está sempre a forjar fantasias, a uma enorme distância da verdade [...] Contudo, não é essa a maior acusação que fazemos à poesia: mas o dano que ela pode causar até às pessoas honestas, com exceção de um escassíssimo número, isto é que é o grande perigo.

*CIT República X, 607b: Aqui está o que tínhamos a dizer, ao lembrarmos de novo a poesia, por, justificadamente, excluirmos da cidade uma arte desta espécie [...] Acrescentemos ainda, para ela não nos acusar de uma tal ou qual dureza e rusticidade, que é antigo o diferendo entre a filosofia e a poesia. Realmente, lá temos a “cadela a ganhar ao dono” e a “que ladra” e o “homem superior a proferir palavras vãs”, e o “bando de cabeças magistras” e os “que pensam subtilmente”, como afinal “vivem na penúria” e mil outras provas da antiguidade do antagonismo entre elas. Ou não te sentes também seduzido pela poesia, meu amigo, sobretudo quando a contemplos através de Homero? => G: Absolutamente => S: Concederemos certamente aos seus defensores, que não forem poetas, mas forem amadores de poesia, que falem em prosa, em sua defesa, mostrando como é não só agradável, como útil, para os Estados e a vida humana. E escutá-los-emos favoravelmente, porquanto só teremos vantagem, se se vir que ela é não só agradável, como também útil.*

#### **5 Para debate:**

- Platão é um poeta?

- O que é uma cama real? Img. 12 e 13.